

# VI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

26 a 27 de Janeiro de 2017

## O VÁCUO EXISTENCIAL NA OBRA DE VIKTOR EMIL FRANKL

Pedro Vinícius Gimenes Medina da Silva (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Lucia Cecilia da Silva (Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisa em Fenomenologia e Existencialismo, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

Contato: Pedrovg213@gmail.com

**Palavras-chave:** Logoterapia. Vontade de sentido. Frustração existencial.

Em 26 de março de 1905 nasceu na cidade de Viena Viktor Emil Frankl, em família de tradição judaica. Ingressou na Universidade de Viena no curso de medicina em 1924, formando-se em 1930. Desde muito cedo, o autor já se via frente a questões a respeito da finitude da existência, da vida e seu sentido.

Deve ter sido com quatro anos que, uma noite, pouco antes de dormir, eu fiquei chocado – na verdade fortemente abalado – diante da visão de que um dia eu também teria que morrer. O que, porém, afligia-me não era, em tempo algum da minha vida, o medo da morte, mas apenas uma questão: se a transitoriedade da vida não aniquila seu sentido. E a resposta à questão, que eu finalmente consegui vencer, era a seguinte: sob diversos aspectos é a morte que torna enfim a vida plena de sentido. (FRANKL, 1990, p. 7)

Já na adolescência, o jovem se deparou com a questão “qual o sentido da vida?” após um de seus colegas ter cometido suicídio. Aos 13 anos, no segundo grau, questionou um professor de ciências naturais, que explicava que a vida não passa de processos de combustão e oxidação, indagando-o com a seguinte pergunta: “professor, se é assim, qual o sentido da vida?”.

Com 14 anos, o autor já estava lendo sobre filosofia, fisiologia e psicologia, passou assim a corresponder-se com Freud, pois tinha grande interesse pela psicanálise, e teve seu texto “Sobre a origem da mímica afirmativa e negativa” publicado por este, no *Jornal Internacional de Psicanálise* ainda com 17 anos. Aos 19 anos, em 1924, iniciou seus estudos de Medicina na Universidade de Viena.

## VI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

26 a 27 de Janeiro de 2017

Durante os estudos, tornara-se discípulo de Freud e Adler, com os quais rompeu o vínculo ao perceber, tanto na Psicanálise quanto na Psicologia Individual, um niilismo fortemente presente nessas duas visões que inviabilizavam seus estudos em torno de questões que, para ele, permeiam o sentido da vida. Xausa (1986) aponta que para Frankl,

Freud e Adler enfatizaram mais as limitações impostas pelos instintos, decorrendo daí a ênfase em condicionamentos biológicos, psicológicos e sociais.

Enquanto na psicanálise prevalece a categoria de causalidade, a psicologia individual se rege pela categoria de finalidade. Embora essa categoria seja mais elevada, ambas ainda não são suficientes para a compreensão do comportamento humano. ( p. 101)

Fazendo-se necessário, na percepção de Frankl, que não haja redução do ser humano por parte do psicólogo no sentido de desmascarar os reais motivos do analisado, ou seja, reduzi-los a simples “mecanismos de defesa”, ou simples sublimações de desejos pulsionais, ou ainda, compreendê-los como simples respostas dadas a estímulos, dado que estaria desconsiderando o que é de fato autêntico no homem, o fato antropológico fundamental cuja manifestação se dá exatamente pela vontade de sentido, a autotranscendência humana.

Agora, desmascarar é inteiramente legítimo. Com a condição de que se pare onde o “psicólogo desmascarador” é confrontado com um fenômeno que não se deixa desmascarar pelo simples fato de ser autêntico. Se ele, porém, não para de desmascarar, então ele desmascara apenas uma coisa, a saber, seu próprio motivo inconsciente (FRANKL, 1990, p. 41)

Frankl, pertencendo a uma família judia, estava sujeito a perseguição, iniciada pelo nazismo alemão liderada por Hitler, que em 1938, invadiu a Áustria. Embora tenha conseguido, no início da Segunda Guerra Mundial, um visto de emigração para os Estados Unidos, Frankl preferiu cedê-lo aos seus pais para poder livra-los de todo o sofrimento que a guerra poderia vir a acometê-los. Isso resultou em sua captura em novembro de 1942 e, enquanto prisioneiro foi reduzido ao simples “nº 119.104” ao passar pelos campos de concentração de Thereseinstadt, Auschwitz, Kaufering III e Turkheim. Nesses campos o autor vivenciou, até o ano de 1945, de maneira muito mais intensa as questões acerca do sentido da vida com as quais desde criança já se ocupava.

Assim, Frankl fundou a terceira escola vienense de Psicoterapia, a Logoterapia (logos: sentido/ terapia: cura), termo que fora utilizado pela primeira vez já em 1926 na Associação

## VI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

26 a 27 de Janeiro de 2017

de Psicologia Médica no período em que ainda cursava medicina, trazendo à tona seu grande interesse e os resultados de suas reflexões e de suas experiências nos campos de concentração nazistas (BARROS, 2009) elaborando uma abordagem que primariamente se preocupa com a vontade de sentido (BARROS, 2009).

Ao falar sobre o homem, Frankl, o compreende como estando sempre direcionado a algo que não ele próprio, ou seja, sempre voltado a um sentido. Como analogia, Frankl afirmando que esse não direcionamento para ele próprio é como o funcionamento dos órgãos dos sentidos, que apenas percebem algo de si mesmos quando estão acometidos por alguma patologia, por exemplo, o olho “quando ele pode ver-se a si mesmo senão quando olha num espelho? Um olho com uma catarata pode entrever como uma nuvenzinha que é exatamente sua catarata” (FRANKL, 1989, p. 29). O homem está sempre se direcionando – e desta forma, encontrando sentido na sua vida – a algo que não ele próprio, seja “1. Criando um trabalho ou praticando um ato; 2. Experimentando algo ou encontrando alguém; 3. Pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável.” (FRANKL, 2015, p. 135).

Os indivíduos precisam assim, encontrar por si próprios a resposta para a questão “qual o sentido da vida?”, questão que só poder ser respondida com a própria vida. É possível ainda que não seja encontrada pelo indivíduo uma resposta satisfatória para a questão, ou pelo menos uma resposta que o satisfaça, abrindo largamente a possibilidade para o que Frankl chamou de “vácuo existencial”, caracterizado pelo *taedium vitae*, pela sensação de vazio e de falta de conteúdo na vida. O que se torna de certa forma inquietante, visto que, enquanto o homem primitivo, era fortemente direcionado pelos seus instintos, e mais recentemente as tradições passaram a perder a força no que se refere ao dar a resposta ao homem do que ele deve fazer, hoje, cada vez mais, nos encontramos desamparados, não conseguindo por vezes que nem mesmo os valores nos respondam pelo quê e para quê precisamos viver, tornando-se frequente assim, a ausência de uma resposta satisfatória para o sujeito pelo sentido de sua existência

Frankl (1990), traz em sua obra a forte relação entre tal sensação de falta de sentido ou vácuo existencial e a crescente criminalidade juvenil, a tão disseminada dependência de drogas e um crescente número de casos de suicídios. Desta forma, percebemos que, embora a sensação de vazio seja apenas potencialmente patogênica, ela pode, enquanto frustração

## VI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

26 a 27 de Janeiro de 2017

existencial, exercer forte influencia no que se refere a direcionar os sujeitos a situações num rumo em que seus atos visem um espécie de autodestruição.

Diante disso, percebemos que se faz necessário uma busca mais aprofundada no que diz respeito ao vácuo existencial e as suas consequências. Partindo disso, este trabalho teve por objetivo a elaboração de um estudo mais amplo acerca do tema “vácuo existencial”, intuindo assim, contribuir para melhor compreensão a respeito da temática de modo a ajudar no entendimento de suas consequências na vida dos sujeitos a quem acomete, seus possíveis sofrimentos, e as repercussões deste tema no meio social.

Para o desenvolvimento da presente pesquisa, utilizou-se do estudo de caráter bibliográfico e conceitual, que para tanto foram realizados os seguintes procedimentos: levantamento de obras de Frankl a disposição em bibliotecas e bancos de dados; seleção das que tratam do tema “vácuo existencial” de alguma forma, das quais foram feito uso dos títulos: Presença Ignorada de Deus (1985), A e Um Sentido Para a Vida (1989), A Questão do Sentido em Psicoterapia (1990) e Em Busca de Sentido (2015); leitura dos textos selecionados e de autores comentadores dentro da mesma perspectiva teórico-prática que pudessem auxiliar na compreensão; e elaboração da síntese acerca da compreensão obtida nos estudos.

VI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

26 a 27 de Janeiro de 2017

**Referências:**

FRANKL, V. E. **Um sentido para a vida**. Psicoterapia e humanismo. 3 ed. São Paulo: Editora Santuário, 1989.

FRANKL, V. E. **A Questão do Sentido em Psicoterapia**. Campinas; SP, Papirus. 1990.

FRANKL, V. E. **Em Busca de Sentido**. 38. ed. São Leopoldo, RS: Sinodal; Petrópolis, RJ: Vozes. 2015

RODRIGUES, L. A.; DE BARROS, L. A. Sobre o Fundador da Logoterapia: Viktor Emil Frankl e sua Contribuição à Psicologia. **Estudos**, Goiania, v. 36, n 1/2, p. 11-31 jan/fev. 2009.  
Disponível em:  
<<http://espiritualidadesentido.yolasite.com/resources/sobre%20o%20fundador%20da%20logoterapia.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2017.

XAUSA, I. A. M. **A Psicologia do Sentido da Vida**. Petrópolis; RJ. Vozes. 1986.